

De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso

Inês Barbosa de Oliveira
Universidade Estácio de Sá - PPGE
inesbo2108@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-4101-3919>

Vão passando! Entrem na escola do mundo ao avesso! (...)
Venham ver o rio que cospe fogo! (...)
O bufão sentado no trono do rei! (...)
A varinha mágica que transforma um menino numa moeda! (...)
Não confundir com grosseiras imitações!
Pessoas sensíveis e menores, abster-se.
(Galeano, 1999, p. VII)

Um dos mais belos títulos de livro do sociólogo Eduardo Galeano, além do alerta em epígrafe – um fragmento do início da obra, adaptado dos pregões da lanterna mágica, do século XVIII –, nos fornece uma imagem quase perfeita do que foi o ano de 2020. Um mundo ao avesso. Vidas de pernas pro ar, nessa estranha “escola” que nos desafia a aprender o que não queríamos saber e a abdicar de boa parte do que sabíamos, dada a sua inutilidade para lidar com o ano de 2020.

Todos nós que estamos nessa escola chamada “Mundo ao avesso”, vivendo de ponta cabeça, estamos na mesma tempestade, mas, como aprendi recentemente, não no mesmo barco! Assim, os desafios não são os mesmos, os medos e as esperanças tampouco, as perdas ainda mais distantes, reafirmando de modo particularmente cruel o que sabemos todos: a corda sempre se rompe do lado mais fraco, dos pobres, dos negros, das populações vulnerabilizadas, invisibilizadas, “irrelevantes” para a economia.

O mundo às avessas é ainda mais estranho e retorcido no Brasil! Dois anos depois das eleições de 2018 vivemos assustados, com medo de ler os jornais e ver noticiários e descobrir que mais crianças pobres e negras foram mortas, mais verbas foram tiradas da ciência, da tecnologia, da saúde e da educação, mais sujeira está sendo varrida para debaixo do tapete. Isso sem alongar o tanto que poderíamos dizer sobre declarações absurdas, falsas notícias que, como pegadinhas, nos sacodem para depois parecerem quadrilha – de festa junina – com o famoso bordão: “olha a cobra!!! É mentira!”. Ou agressões variadas contra a sensatez e o bom senso, contra a solidariedade e a

generosidade. Definitivamente, são tempos sombrios! O Brasil parece, hoje, a “Sampa” de Caetano Veloso. É “o avesso do avesso, do avesso, do avesso”.

Mas, porém, todavia, contudo, entretanto – sempre quis escrever isso assim! – finalmente janeiro chegou! Não é um setembro de Beto Guedes, e não há “boa nova a andar nos campos”! Mas podemos sim, nos lembrar que “já sonhamos juntos / semeando as canções no vento” e que 2021 pode ser uma boa oportunidade para buscarmos, a cada dia e em cada momento “ver crescer nossa voz, no que falta sonhar”!

Eis uma aprendizagem preciosa que 2020 nos deixa! Aprendemos a manter nossos sonhos ativos, cuidando de nossa saúde, física e mental do jeito que deu; enfrentando medos e desafios da vida online – no isolamento social – e da vida hiper presencial – em casa. Criamos novos hábitos e novos conhecimentos, acadêmicos e outros, mantendo este velho hábito de pesquisadores que somos! Fizemos tudo isso e, por isso, sabemos que podemos nos manter esperançando, sonhando e acreditando numa utopia *galeaniana* que nos ajude a caminhar, e, como no poema de Machado, fazendo os caminhos ao caminhar.

As dificuldades permanecem, mas o início da vacinação em países desenvolvidos, cujos governos civilizados e as economias poderosas já permitem a muitos um pequeno alívio, nos anima! Nos EUA, referência mais próxima de país rico, mesmo um governo nem tão civilizado – que ainda tenta dar um golpe de Estado no resultado das eleições – está se mexendo para vacinar os seus. Por aqui, estamos aguardando, e seguindo.

Seguimos nos cuidando, e de uns aos outros, conforme aprendemos com a filosofia Ubuntu, que diz que só somos, se somos juntos! Ou, ainda, de acordo com indígenas brasileiros, nos percebendo parentes uns dos outros, não de sangue, mas de solidariedade, sabendo que solidarizar-se como parente não é só entender a dor do outro nem só apoiar sua luta. É sentir a dor do outro e estar na luta dele, com ele, como ele. Temos sido parentes de tantas e tantos, e temos ampliado nossas “famílias” nesse sentido.

E por isso podemos vislumbrar saídas desta horrível crise – sanitária e ético-política – pela via dessas infinitas capacidades humanas, de criar, de aprender, de se solidarizar e de compartilhar e, também e não menos importante, de pensar e de produzir conhecimentos, convidando, como fazemos agora, aqueles que se disponham a dialogar conosco, a acessar aqueles que estão nos textos publicados nesta edição da REEDUC, e em tantos outros bravos periódicos da área de Educação e das Ciências Humanas, que resistem, criam e divulgam conhecimentos, sobrevivendo com bravura e determinação aos

ataques de uma CAPES adulterada num cenário de intensa redução de verbas nos últimos anos.

Nos resta, além da sobrevivência, a utopia e o sonho, a produção e difusão, em profusão, de conhecimentos e, por que não, chamar “La Passionara” e reafirmar: No pasarán!!!

Referências

GALEANO, Eduardo. *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: LP&M, 1999.

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)